

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE035397

CASTRO, Galvão de. Campinas, cidade de Maria(4). Correio Popular, Campinas 05 abr. 1975.

Campinas, Cidade de Maria

8: — **FREI ANTONIO DE PADUA, CONSTRUTOR DA MATRIZ DEFINITIVA:** — Foi o primeiro vigário de Campinas que, com a ajuda de Deus e com seu zelo apostólico, conseguiu construir a matriz definitiva da paróquia de que foi, incontestavelmente, o CRIADOR.

Frei Antônio de Pádua, vigário zeloso e oporoso, místico mas também dinâmico, não permaneceu à testa da paróquia por ele criada, com seu esforço desinteressado e seu reconhecido labor apostólico, por um espaço de tempo maior do que um lustro.

Escrevendo o elogio do seu fecundo paróquiato, o idôneo e culto historiador João Lourenço Rodrigues o proclama "grande benemérito" de Campinas. Eis o que escreveu textualmente, o autor citado, em artigo publicado na Tribuna, jornal de Campinas, em 11 de Maio de 1940: "Frei Antônio não ficou aqui senão um lustro. Religioso, retirou-se em silêncio como fazem os religiosos: o bem faz pouco ruído e o ruído faz pouco bem. E quanto bem não fez ele nos cinco anos do seu paróquiato!" E acrescenta a seguinte sugestão incisiva e merecedora de ser atendida: "O nome de Frei Antonio de Pádua Teixeira não pode cair no olvido numa terra que faz timbre em cultivar a tradição. A coerência assim o pede; e a justiça o exige". (Citação de Mello Pupo, em seu livro, pag. 51).

De acordo, Essa é uma lúdima exigência da justiça. Campinas culta, Campinas católica. Poder Público e Clero Diocesano, pessoas gradas e pessoas humildes, devem todos venerar, com gratidão, a venerável memória de Frei Antônio de Pádua, criador da paróquia de "Nossa Senhora da Conceição das Campinas", e concomitantemente criador da povoação embrionária, da qual se originou Campinas, a metrópole campineira do século XX.

Frei Antônio de Pádua, muito embora não deixasse descendência, teve muitos filhos espirituais, e trouxe para Campinas a prolífica família de seu Pai, Capitão Domingos Teixeira Vilela, que foi, como já vimos, a primeira família que se estabeleceu na zona urbana de Campinas.

O historiador Mello Pupo, baseado em anotações de inestimável valor exaradas pelo Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, sobre as origens de Campinas, escreveu um longo capítulo sobre a família do Vigário, cujo chefe foi, como já vimos, o capitão, Domingos Teixeira, português, natural de Trás-os-montes, que na primeira metade do Século XVIII veio ter ao Brasil, indo residir em Baependi, onde se casou com Da. Ângela Isabel Nogueira Prado, filha do capitão-mor Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, e da paulista, de tradicionais troncos bandeirantes, Da. Maria Leme do Prado.

Frei Antônio de Pádua Teixeira era, pois, descendente de ilustre família de antigos troncos bandeirantes, mas, como São Francisco, preferiu a pobreza à riqueza. Por isso não se pejou de pedir esmolas aos viandantes, que por aqui transitavam, para construir a matriz da freguesia, cuja construção iniciara "sem vintém". Eis porque, ao invés de capitanear bandeiras, para ir ao certão capturar índios, para trabalhar como escravos, quis antes ser um apóstolo do Evangelho, para converter os pecadores, atraindo-os para o Reino de Cristo.

Frei Antônio de Pádua encerrou o seu paro-

quiato em 16 de Novembro de 1778, retornando algum tempo depois ao Convento de São Francisco, comunidade à qual pertencia. Então já estava quase pronta a matriz definitiva de taipa e coberta de telhas, que ele com tanto sacrifício construíra, desde os alicerces. Mas não lhe foi dada a grata ventura de inaugurá-la. Foi o terceiro vigário, também franciscano, Frei José do Monte Carmelo Siqueira, que precedeu tal inauguração, conforme consta do termo, por ele lavrado no Livro do Tombo. Esse ato litúrgico ocorreu no dia 25 do mês de julho de 1781.

9: — **ATUAÇÃO DA FAMÍLIA TEIXEIRA, APÓS A FUNDAÇÃO DE CAMPINAS:** — Após o encerramento do seu paróquiato, Frei Antônio de Pádua Teixeira permaneceu em Campinas durante quatro meses, antes de se retirar para São Paulo. Pouco tempo depois, em 8 de Maio de 1779, foi ele eleito presidente do Convento São Luís em Itú, para onde se transferiu, e onde veio a falecer em 1805, após 43 anos de vida religiosa, com farta messe de merecimentos, para a eterna bem-aventurança.

Não é provável que tenha voltado a Campinas, onde permaneceu definitivamente a sua família honrada, honesta, laboriosa e provida de recursos materiais. Mas que, como fiéis cristãos, procurava sempre, em primeiro lugar, o Reino de Deus, como preceitua o Evangelho.

Os irmãos do Vigário que se radicaram em Campinas muito contribuíram para o desenvolvimento da freguesia e da economia local.

Dois deles foram pioneiros da indústria açucareira na Vila de Campinas, a saber: o Capitão Filipe Neri Teixeira, que foi senhor de engenho, que em 1790 tinha 17 escravos, cinco anos depois, em 1795 já possuía 27. Aumento esse de mão de obra que deve ter proporcionado um grande aumento de produção. Seu irmão mais moço, Capitão Joaquim José Teixeira Nogueira, de 10 escravos em 1790, em 1795 já tinha 24, para atenderem o incremento da produção de açúcar. Também o Guarda-Mor Manuel Teixeira Vilela foi pessoa influente na política e na economia da Vila de Campinas, na década de 1790 a 1800.

O Capitão Joaquim José Teixeira Nogueira casou-se com uma descendente da família Paula Camargo, tradicional linhagem ituana, que muito contribuiu para o desenvolvimento de Campinas, mudando-se para cá, em grande número.

Todavia, em meio à grande prosperidade da Vila de Campinas, os membros mais idosos da família do Vigário, que aqui fixaram residência durante o seu curto paróquiato, no povoado que nascia, devem ter conservado muita saudade da capela provisória, coberta de sapé e de chão batido, onde, com os sitiantes da redondeza, costumavam assistir à missa dominical. Mas devem ter conservado uma recordação, muito mais grata à sua espiritualidade afetiva, daquelas rezas vespertinas, singelas mas fervorosas, naquele humilde templo dedicado à Imaculada Conceição, erguido naquele ermo, em meio à mata inculta e bravia. Lembrava-se a família do Vigário, de modo especial, da reza dos sábados à tarde, em honra de Nossa Senhora.

Quando o sol, já avermelhando o brilho, ia escondendo-se atrás da selva multis-secular, que ainda frondejava no eminente altiplano do "Chapadão", e as primeiras estrelas começavam a cin-

tilar no céu muito azul e translúcido, Frei Antônio de Pádua tocava a sineta da capela, conclamando os fiéis para a oração.

De ordinário, eram apenas os membros de sua família, que, morando ali perto acorriam à igreja para oração.

Rezava-se o terço, contemplando os mistérios gloriosos. Rezava-se a ladainha de Nossa Senhora, num latim bastante parecido com o português.

Quando havia bênção com o Santíssimo, cantava-se o "Tantum ergo" e também algum cântico religioso. Não havia acompanhamento de harmonia. Em compensação, havia muita devoção à Virgem Imaculada, nesse terço rezado em família.

Havia muita fé, muita unção religiosa. Até Maria, que, lá do céu, estava sempre atenta a essas orações, muitas vezes, se enternecia, bastante comovida, lembrando-se das suas preces, lá na sua casinha de Nazaré! Ela sempre foi humilde, e sempre prezou a humildade, acima de todas as virtudes, puramente humanas. Eis porque essas rezas de sábado eram muito do seu agrado — Eram humildes e fervorosas, como foram outrora as suas preces, em companhia de Jesus Menino, tão compenetrado, e de José, seu castíssimo esposo, que mais parecia um anjo do Senhor, pela sua piedade!

10: — CAMPINAS, NO FIM DO SÉCULO XVIII: — O último quartel do Século XVIII marcou o fim de uma época. Em 1789 estourou a Revolução Francesa, que pôs fim ao absolutismo dos reis, mas estabeleceu o delírio libertário e sanguinário da turbamulta irresponsável e desvairada. E' sempre assim: A tirania abre o caminho para a anarquia. O opressão dá lugar à rebelião, que tudo subverte. Foi o governo absoluto e dissoluto de Luís XV de França, que serviu de modelo para o governo de Dom João V de Portugal, que procurou imitar o luxo da corte do perdulário monarca francês, que entendia que o rei é rei, para gozar e gastar mais do que os outros.

O Rei D. João V recebeu o título de "Magnífico", devido ao fausto da sua corte. João Ameal, na sua História de Portugal, refere grande número de munificências perdulárias praticadas pelo monarca português. Essas munificências, porém, eram custeadas pelo ouro e pelos diamantes que lhe vinham do Brasil.

Eis porque no Século XVIII, a maior preocupação da metrópole portuguesa consistia em aumentar a produção do ouro, para enriquecer a fazenda real. Assim, pois, fundar freguesias, onde não houvesse ouro, diamantes, esmeraldas, não interessava às autoridades reinóis. Esse foi o motivo pelo qual Barreto Leme não encontrou apoio oficial, para fundar a "freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso". Essa fundação não interessava às autoridades portuguesas, que se preocupavam só com o ouro de Cuiabá e de Goiás, e com os diamantes de Minas Gerais, e também pelo ouro que já escasseava, em Vila Rica.

Mas, como vimos, a desambição e a persistência de Barreto Leme e mais o zelo apostólico de Frei Antonio de Pádua Teixeira conseguiram levar avante a empresa de fundar, numa região inóspita e selvagem, uma aldeia embrionária, da qual se originou a próspera Metrópole campineira, cidade riquíssima que nasceu tão pobrezinha. O que muito a honra e sumamente dignifica.